CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: ANGOLA
19 de novembro de 2024

AR CONDICIONADO / 2020

Um filme de FRADIQUE

Realização: Fradique / *Argumento*: Fradique, Ery Claver *Direção de fotografia*: Ery Claver / *Operador de câmara*: Eduardo Kropotkine / *Direção de Arte & Produção*: Prudenciana Hach / *Música original*: Aline Frazão / *Som*: Oswald Juliana / *Montagem*: Zeno Monyak / *Design*: Hilma Sassa / *Artista convidado*: Rui Magalhães / *Interpretação*: José Kiteculo (Matacedo), Filomena Manuel (Zezinha), David Caracol (Mino), Tito Spyck (Tito), Filipe Kamela Paly (Filipe), Wilson Madradas (Wilson).

Produção: Geração 80 (Angola, 2020), com apoio do Festival Internacional de Cinema de Roterdão / *Produtor*: Jorge Cohen / *Cópia*: Digital, cor, falado (ou legendado) em português / *Duração*: 72 minutos / *Estreia*: 24 de janeiro de 2020, Festival Internacional de Cinema de Roterdão / *Estreia nacional*: 26 de novembro de 2020, Festival Porto/Post/Doc / *Primeira apresentação na Cinemateca*.

Algo de muito entusiasmante se passa em Angola, no que ao cinema diz respeito. E entre as várias novas produtoras, há uma que se destaca: Geração 80. Fundada em 2010, produziu, na última década, várias curtas e videoclipes, duas séries de televisão, quatro documentários longos e três filmes de ficção de longa-metragem. **Ar Condicionado** (2020) foi a primeira dessas longas de ficção, realizada por Fradique, um dos fundadores da produtora (com Tchiloia Lara e Jorge Cohen). A segunda estreou em 2022 no Festival de Locarno, de seu nome **Nossa Senhora da Loja do Chinês** (e que será exibida na Cinemateca amanhã), e quem assina é Ery Claver (diretor de fotografia e coargumentista deste **Ar Condicionado**). A terceira, ainda por estrear, intitula-se **Meu Semba**, e marca igualmente a estreia na realização de Hugo Salvaterra.

Entre publicidade, filmes institucionais e serviços de pós-produção (que mantêm a produtora à tona), a Geração 80 tem-se focado no cinema, conseguindo o devido reconhecimento no circuito dos festivais de cinema de autor, em especial o filme de estreia de Fradique que, depois de ser apresentado no Festival de Roterdão, marcou presença em certames como o New Horizons (na Polónia), Shangai, Taipei, Fribourg, Novos Cinemas (Espanha), Porto/Post/Doc (Portugal), Portland, entre muitos outros. O que define o trabalho deste coletivo é a urgência com que filmam a cidade (Luanda) e as pessoas, recusando de forma liminar o exotismo, frustrando as expectativas do espectador ocidental sobre o que entende por cinema africano e optando, tanto quanto possível, por metáforas cujo sentido não se revela imediatamente (se é que se revela alguma vez).

Ar Condicionado começa por ser o retrato de um prédio decrépito no centro de Luanda (na Rua Rainha Ginga, no bairro de Mutamba, bem no coração da cidade), focado em duas personagens que lá trabalham, Matacedo (segurança) e Zezinha (empregada doméstica), mas acaba por se converter numa espécie de sonho rememorativo em modo *sci-fi low-fi*, com toques de distopia mediática (a preponderância dos meios de comunicação, em especial do rádio, surge logo no primeiro plano do filme). Tudo começa com uma onda de calor que obriga a uma sobrecarga dos ares condicionados, só que em vez de quebras de energia ou meras avarias, o que resulta desse sobre-uso do eletrodoméstico é a sua desistência: os ares condicionados deixam, simplesmente, de funcionar e "atiram-se" lá para baixo, prostrados.

Se isto poderia ser um comentário sobre a fragilidade das infraestruturas angolanas e as parcas condições de vida na capital, há algo de simbólico, e que não posso deixar de "ler" enquanto metáfora das agruras do proletariado e da exaustão de um sistema classista – a queda dos aparelhos remete-me para o perturbador plano de **The Happening** (O Acontecimento, 2008), de M. Night Shyamalan, quando os trabalhadores de um prédio em construção começam a "chover". Só que, como referia, nenhuma das metáforas é óbvia ou direta, e tudo se complica

(ou complexifica) quando Kota Mino (o reparador de eletrodomésticos local) afirma que os aparelhos caem como as frutas das árvores, quando estão maduros. Ele sugere que, numa cidade sem plantas, os ares condicionados assumiram a função ancestral de armazenamento de memórias e que, uma vez cheios delas, se deixam, simplesmente, cair.

Esta perspetiva de ficção científica mística que funde tradição com memórias (espaldeada por uma das mais belas sequências do filme em que a "maquina-carro" de Kota Mino leva Matacedo a viajar pelo tempo e pelo espaço sem sair do lugar) vem acentuar aquilo que os créditos de abertura já anunciavam de forma discreta: a influência de **La Jetée** (1962) – eis a bela coincidência de que este mês, na Cinemateca, dá destaque ao cinema Angolano e se mostra em simultâneo o cinema de Chris Marker (curioso e improvável diálogo).

O início de **Ar Condicionado** é composto por uma série de fotografias a preto-e-branco do bairro, com fortes contrastes e muito grão, à imagem das que compõem o filme de Chris Marker. E a juntar a essa citação, há a questão das memórias, a relação entre viagem e sono, a decrepitude de um presente por oposição a uma qualquer forma de nostalgia, a viagem dos que estão imóveis, a capacidade de ver mais, e mais profundamente, com os olhos fechados e, mais que isso, a natureza improvisada da produção e a qualidade tosca dos engenhos retro-futuristas (próprios de rodagens com poucos recursos). Fradique homenageia Marker – e, até certo ponto, há também aqui algo dos jogos de luz *à la* **Alphaville** (1965), de Jean-Luc Godard – e, nesse processo, produz uma fábula política sobre a vida na Luanda de hoje, tão atmosférica quanto misteriosa.

Mas talvez o vínculo mais forte, porque mais subterrâneo, de **Ar Condicionado** com a curta-metragem inaugural de Chris Marker se prenda com a crítica pós-colonial. Um pormenor muitas vezes esquecido é que o protagonista de **La Jetée** usa, a certa altura, um colar com artefactos da cultura Bantu, grupo etnolinguístico localizado principalmente na África subsariana (artefactos esses que reaparecerão nas testas dos humanos do futuro). Esses elementos surgem, naturalmente, como uma piscadela de olho de Marker (esse viajante recolector de traços culturais) à questão colonial, que é reforçada pelo casaco de miliar que o protagonista enverga (acabava nesses dias a participação de França na guerra da dita Indochina e iniciava-se a intervenção norte-americana no Vietname), sublinhando aquilo que estava aos olhos de todos: que o filme é, também, o relato de "navegador" perdido – como Colombo e os outros – , que chega por acidente a uma terra distante (o futuro) e ao invés de a ocupar e tomar para si, só sonha em regressar ao lugar da sua infância. Assim visto, a famosa cena do Museu de História Natural deixa de ser uma metáfora sobre a relação da fotografia com a morte (literalizando a ideia de Bazin de que o cinema é a "mumificação do movimento"), e passa a ser um retrato bem presente da cultura fetichista do colonialismo. Embora me pareça um pouco forçada esta interpretação do filme, não deixa de ser revelador que chegados ao século XXI e à nova vaga de cinema angolano, subitamente **La Jetée** se abra nesse sentido.

O que isto demonstra, no caso de Marker, e no de Fradique também, é a potência de uma fábula que nunca se revela na totalidade. É na incógnita de uma metáfora mais turva, ou de uma simbologia mais fosca, que se guarda o leque de possibilidades com que se disfarça o mistério. É aí que se esconde a vibração das coisas, nessa incerteza.

Ricardo Vieira Lisboa